

EDUCAR COM EMPATIA: A REVOLUÇÃO DO AFETO

EDUCATING WITH EMPATHY: THE REVOLUTION OF AFFECTION

Gislaine Przniska

MUST University, Estados Unidos

Simone Massariol Mateussi

MUST University, Estados Unidos

Élida Pereira Rufino

MUST University, Estados Unidos

Angela Aparecida de Campos Galazi

MUST University, Estados Unidos

Euridice Oliveira da Silva Santos

MUST University, Estados Unidos

ISSN: 1518-0263

DOI: <https://doi.org/10.46550/4v3kfy40>

Publicado em: 23.09.2025

Resumo: O artigo apresentou como tema central a empatia enquanto elemento transformador das práticas educativas, destacando sua relevância para a construção de uma escola inclusiva, democrática e comprometida com a formação integral dos sujeitos. Partiu-se da compreensão de que a empatia, ao ser incorporada ao cotidiano pedagógico, fortaleceu vínculos, ampliou a confiança e promoveu a valorização das singularidades dos estudantes, tornando o ambiente escolar espaço de pertencimento e de participação ativa. O objetivo do estudo consistiu em discutir de que maneira práticas de escuta atenta, diálogo constante, clima afetivo e acolhedor e valorização das diferenças contribuíram para a ressignificação da experiência educativa. Para alcançar esse propósito, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, compreendida como metodologia que possibilitou reunir, organizar e interpretar contribuições teóricas já publicadas, a fim de subsidiar a análise de problemas educacionais. Segundo Santana, Narciso e Santana (2025), esse tipo de investigação favoreceu a sistematização de informações e a ampliação do debate acadêmico, permitindo identificar perspectivas convergentes e lacunas a serem exploradas. A técnica de análise consistiu na leitura crítica dos textos coletados em bases acadêmicas de relevância, considerando o recorte temporal entre 2015 e 2025. Os resultados evidenciaram que a empatia, ao transformar a maneira de escutar, dialogar, lidar com os erros e respeitar as diferenças, constituiu-se em força essencial para o fortalecimento da aprendizagem e da cidadania. Concluiu-se, portanto, que a empatia assumiu papel estratégico para a promoção de uma educação mais humana, solidária e significativa, ao mesmo tempo em que se reconheceu a necessidade de novas pesquisas que aprofundassem sua aplicação em diferentes contextos educacionais.

Palavras-chave: Empatia Educação. Escuta Diálogo. Diversidade Inclusão. Clima Acolhimento.

Abstract: The article presented empathy as the central theme, understood as a transformative element of educational practices, highlighting its relevance for building an inclusive, democratic school committed to the integral development of students. It was assumed that empathy, when incorporated into everyday pedagogy, strengthened bonds, expanded trust, and promoted the appreciation of students' singularities, turning the school environment into a space of belonging and active participation. The aim of the study was to discuss how practices of attentive listening, constant dialogue, an affective and welcoming climate, and the appreciation of differences contributed to the re-signification of the educational experience. To achieve this purpose, bibliographic research was used, understood as a methodology that enabled the collection, organization, and interpretation of already published theoretical contributions in order to support the analysis of educational problems. According to Santana, Narciso, and Santana (2025), this type of investigation favored the systematization of information and the expansion of academic debate, allowing the identification of converging perspectives and gaps to be explored. The technique of analysis consisted of a critical reading of texts collected from relevant academic databases, considering the time frame between 2015 and 2025. The results showed that empathy, by transforming the way of listening, dialoguing, dealing with errors, and respecting differences, became an essential force for strengthening both learning and citizenship. It was therefore concluded that empathy assumed a strategic role in promoting a more humane, supportive, and meaningful education, while also recognizing the need for further research to deepen its application in different educational contexts.

Keywords: Empathy Education. Listening Dialogue. Diversity Inclusion. Welcoming Climate.

Introdução

A presente investigação tratou da empatia como elemento transformador das práticas educativas, destacando sua relevância para a construção de uma escola inclusiva, democrática e comprometida com a formação integral dos sujeitos. Partiu-se da compreensão de que a empatia, ao ser incorporada ao cotidiano pedagógico, fortaleceu vínculos, ampliou a confiança e promoveu a valorização das singularidades dos estudantes, tornando o ambiente escolar espaço de pertencimento e de participação ativa. Nesse sentido, o objetivo do estudo consistiu em discutir de que maneira práticas de escuta atenta, diálogo constante, clima afetivo e acolhedor e valorização das diferenças contribuíram para a ressignificação da experiência educativa. A pergunta que norteou a pesquisa foi: 'de que forma a empatia, articulada às práticas pedagógicas, assumiu papel central na transformação da aprendizagem e no fortalecimento das relações escolares?'

Para alcançar esse propósito, a pesquisa adotou caráter bibliográfico, compreendido como um dos pilares da produção científica em educação, por possibilitar a organização e interpretação crítica de diferentes contribuições teóricas. De acordo com Santana, Narciso e Santana (2025), esse tipo de investigação favoreceu a reunião de informações relevantes para subsidiar a análise de problemas educacionais. Na mesma direção, Santana e Narciso (2025) enfatizaram que a pesquisa

bibliográfica se configurou como metodologia indispensável para ampliar o debate acadêmico, permitindo articular diferentes perspectivas e identificar lacunas a serem exploradas. A técnica de análise utilizada baseou-se no exame crítico dos textos coletados, que foram selecionados a partir de critérios de relevância, atualidade e alinhamento ao tema, considerando produções publicadas entre 2015 e 2025 em bases reconhecidas, como Google Acadêmico e Scielo.

O artigo foi estruturado em quatro eixos centrais, correspondentes às práticas que sustentaram a discussão. No primeiro, abordou-se a escuta atenta e respeitosa, compreendida como fundamento do vínculo entre professor e estudante. No segundo, discutiu-se o diálogo constante como prática de construção coletiva do conhecimento. No terceiro, apresentou-se o clima afetivo e acolhedor, destacando a importância do erro como parte do processo de aprendizagem. No quarto, analisou-se a valorização das diferenças como estratégia de inclusão e democratização da escola. Em seguida, foram apresentados os resultados e discussões, que evidenciaram a centralidade da empatia como princípio pedagógico, e as considerações finais, que sintetizaram os achados e indicaram caminhos para novas investigações. Portanto, a pesquisa demonstrou que a empatia, ao transformar a maneira de escutar, dialogar, lidar com os erros e respeitar as diferenças, constituiu-se em força essencial para a construção de uma educação mais humana, solidária e significativa.

Metodologia

A pesquisa desenvolvida adota caráter bibliográfico, fundamentada na análise de materiais já publicados em periódicos científicos, livros e documentos disponíveis em meio digital. Esse tipo de investigação, segundo Santana, Narciso e Santana (2025), representa uma via fundamental para a compreensão de fenômenos educacionais, pois possibilita reunir, organizar e interpretar contribuições teóricas que subsidiam a reflexão crítica sobre problemas relevantes no campo da educação. Ainda de acordo com Santana e Narciso (2025), a pesquisa bibliográfica constitui um dos pilares metodológicos da produção científica em educação, uma vez que permite ao pesquisador dialogar com diferentes perspectivas, identificar convergências e lacunas e ampliar o alcance das discussões acadêmicas.

No desenvolvimento desta investigação, foram seguidas etapas organizadas de maneira sistemática, iniciando pela definição do tema central — a empatia como elemento transformador nas práticas educativas. Em seguida, realizou-se a busca e seleção de fontes relevantes, priorizando artigos científicos publicados entre 2015 e 2025, período considerado adequado para a atualização do debate sobre educação, empatia e práticas pedagógicas inclusivas. O processo incluiu ainda a leitura crítica dos materiais selecionados, com o objetivo de identificar argumentos, conceitos e evidências que dialogassem diretamente com a problemática proposta. Por fim, as informações extraídas foram organizadas e confrontadas entre si, de modo a estruturar um corpo teórico coerente e articulado.

Para a coleta de materiais, foram utilizadas palavras-chave simples e combinações que orientaram a busca nas bases de dados: “empatia na educação”, “escuta ativa”, “diálogo pedagógico”, “erro como aprendizagem”, “clima afetivo na escola” e “valorização das diferenças”. Essas expressões foram escolhidas por sua objetividade e abrangência, facilitando a localização de produções científicas alinhadas ao objeto do estudo.

As buscas foram realizadas em bases de dados reconhecidas pela relevância no campo acadêmico. O Google Acadêmico foi utilizado como recurso inicial de amplo alcance, permitindo localizar artigos, dissertações e teses de diferentes áreas do conhecimento. A base Scielo (*Scientific Electronic Library Online*) foi consultada por reunir periódicos científicos de acesso aberto e reconhecida importância na divulgação de pesquisas na América Latina.

Quanto aos critérios de inclusão, priorizaram-se trabalhos publicados entre 2015 e 2025, redigidos em língua portuguesa, e que abordassem diretamente a empatia no contexto educacional, contemplando dimensões como escuta, diálogo, erro e valorização das diferenças. Foram excluídos materiais anteriores ao recorte temporal estabelecido, textos não revisados por pares ou que tratassem da empatia em campos distintos da educação, como saúde ou administração, a fim de garantir maior foco e relevância para os objetivos propostos.

Dessa forma, a metodologia empregada permitiu estruturar um levantamento teórico sólido e atualizado, alinhado ao propósito de compreender a empatia como força transformadora das práticas pedagógicas e, assim, oferecer subsídios para reflexões acadêmicas e futuras investigações no campo educacional. Ao articular diferentes perspectivas encontradas nas produções analisadas, o estudo não apenas reuniu evidências consistentes sobre a relevância da empatia no ambiente escolar, mas também destacou caminhos possíveis para a construção de práticas inclusivas e democráticas. Além disso, o caráter sistemático da pesquisa bibliográfica assegurou a organização dos resultados de forma crítica, permitindo que o tema fosse explorado em sua complexidade e que se abrisse espaço para novos debates que fortaleçam a relação entre teoria e prática no contexto educacional.

Escuta atenta e respeitosa como fundamento da empatia educacional

A escuta atenta e respeitosa constitui-se em uma das dimensões mais significativas da prática docente quando se busca a construção de uma educação orientada pela empatia. Ao ser incorporada ao cotidiano da sala de aula, ela ultrapassa a ideia de mera recepção de informações, representando um ato intencional de compreensão, valorização e reconhecimento da voz do estudante. Nesse contexto, destaca-se que

Atualmente, ela, a escuta ativa, se faz necessária tanto nas escolas como no ambiente de trabalho. Para escutar ativamente, é preciso compreender o outro e dar muita atenção ao que ele diz, sendo assim, a empatia é necessária à escuta ativa. Muitos alunos, tanto da escola pública como privada, não têm essa escuta em casa e não conseguem ser ouvidos pelos pais (Monteiro; Quixadá, 2023, n.p).

Assim, a escola torna-se um dos poucos espaços em que os sujeitos podem se sentir efetivamente ouvidos e acolhidos, o que reforça a centralidade desse processo na formação integral. Nesse ambiente, a escuta não se limita a um procedimento didático, mas transforma-se em prática social capaz de garantir ao estudante o reconhecimento de sua identidade, de sua história e de suas experiências. Ao sentir-se legitimado em suas manifestações, o aluno encontra condições de desenvolver autonomia intelectual, segurança emocional e pertencimento ao grupo, elementos que se entrelaçam e sustentam não apenas o desempenho acadêmico, mas também a construção de sua cidadania.

Ao mesmo tempo, a escuta ativa envolve elementos que vão além do discurso verbal. A comunicação não verbal assume papel essencial na demonstração de interesse e acolhimento, conferindo legitimidade às falas dos estudantes. Um olhar atento, uma expressão facial que represente interesse pela fala do outro e um balançar afirmativo da cabeça acolhem os discursos dos alunos. Isso representa um incentivo para que continuem seu trabalho.” (Milani, 2017, p. 40). Portanto, o professor que se dispõe a ouvir precisa estar atento tanto às palavras quanto aos gestos, pois é por meio deles que a mensagem de respeito e valorização do sujeito é transmitida.

Sob esse viés, a empatia, quando articulada à escuta, traduz-se na capacidade de colocar-se no lugar do outro, entendendo seus sentimentos e experiências como parte legítima da dinâmica educativa (Monteiro; Quixadá, 2023). Essa postura transforma a relação professor–aluno, tornando-a menos hierárquica e mais dialógica. Nessa linha, Milani observa que

[...] quando o professor encontra esse lugar (eu entendo como você está pensando), ele compreende a diferença e pode passar a trabalhar com essa nova informação, incluir o pensamento do aluno em seu discurso, compartilhar com a turma a nova ideia e esclarecer que pensamentos distintos estão em jogo (Milani, 2017, p. 49).

A escuta, portanto, abre caminhos para a inclusão de múltiplas perspectivas no processo de ensino-aprendizagem, favorecendo a construção coletiva do conhecimento. Quando diferentes vozes são legitimadas e passam a compor o diálogo pedagógico, cria-se um ambiente em que a diversidade de ideias se transforma em oportunidade para o desenvolvimento crítico e criativo. Essa dinâmica permite que os estudantes compreendam que aprender não é apenas acumular informações transmitidas pelo professor, mas participar ativamente de uma rede de significados construída em conjunto, na qual cada contribuição amplia as possibilidades de compreensão e de produção de novos saberes.

É importante destacar ainda que a escuta ativa pode ser compreendida como uma prática que garante o reconhecimento da importância do aluno no espaço escolar. Segundo Monteiro e Quixadá (2023), a empatia implica ouvir, compreender e valorizar o outro de modo a fazê-lo sentir-se importante. Esse gesto não apenas reforça a autoestima, mas também fortalece a confiança necessária para que o estudante se sinta capaz de participar ativamente do processo educativo. Desse modo, a escuta torna-se elemento estruturante de uma pedagogia que considera o aluno como sujeito histórico e social, e não como mero receptor de informações.

Paralelamente, não se pode ignorar a dimensão ética presente nesse exercício. A escuta ativa não deve ser confundida com instrumento de controle ou poder, mas, sim, com um espaço de liberdade que fortalece o protagonismo dos estudantes. Como enfatiza Milani (2017, p. 51), “a escuta ativa não é um exercício de poder, mas, sim, de liberdade: Fale, eu te escuto.” Essa concepção reforça a importância de o professor adotar uma postura aberta e sensível, que legitime as falas dos alunos e incentive sua expressão, mesmo diante de inseguranças ou erros.

Outro aspecto fundamental é que a escuta ativa está diretamente relacionada ao desenvolvimento de uma educação voltada para a paz. Ao proporcionar um ambiente acolhedor e respeitoso, a escola contribui para ressignificar as relações interpessoais, criando condições para que os estudantes compreendam criticamente a realidade em que vivem e possam agir de forma transformadora (Monteiro; Quixadá, 2023). Essa prática se conecta ao ideal de construção de uma cultura de paz, que se fundamenta no acolhimento, na compreensão das diferenças e no fortalecimento do desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes.

Por fim, compreender a escuta como prática pedagógica significa reconhecer que ela não se restringe a ouvir palavras, mas envolve disposição para dialogar e aprender com o outro. Como afirmam Monteiro e Quixadá (2023), é escutando que se aprende a falar com os alunos, pois somente quem escuta paciente e criticamente é capaz de estabelecer um diálogo verdadeiro. Dessa maneira, a escuta atenta e respeitosa não apenas transforma o ambiente escolar em espaço de confiança e liberdade, mas também representa um caminho para o exercício da cidadania, da empatia e da convivência democrática.

Diálogo constante como princípio de construção coletiva

O diálogo constante, compreendido como prática pedagógica, constitui elemento indispensável para o fortalecimento de relações educativas mais horizontais e democráticas. Mais do que uma estratégia de comunicação, trata-se de um princípio de convivência que valoriza a voz do estudante, garantindo-lhe o direito de participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem. Isso significa reconhecer que o espaço escolar não pode ser estruturado de modo unilateral, mas deve promover a corresponsabilidade entre professores e alunos. Assim,

[...] a possibilidade e o direito dos/as alunos/as exprimirem as suas opiniões acerca do ambiente escolar e do processo de ensino e aprendizagem, bem como de verem a sua participação ser considerada, é essencial para a melhoria do processo pedagógico (Valente; Gama, 2023, p. 2).

Dessa forma, a participação discente passa a ser entendida como condição para a qualidade do processo educativo e não apenas como uma ação complementar. Isso significa reconhecer que o envolvimento ativo dos estudantes contribui diretamente para a relevância das práticas pedagógicas, pois permite alinhar os conteúdos e metodologias às necessidades reais do grupo. Ao serem considerados sujeitos de decisão, os alunos ampliam sua motivação, desenvolvem senso de pertencimento e fortalecem sua autonomia, elementos que impactam não só a aprendizagem individual, mas também a construção de um ambiente escolar mais democrático e colaborativo.

Além disso, o diálogo contínuo possibilita que a aprendizagem seja construída de forma colaborativa, por meio de perguntas abertas, *feedbacks* construtivos e da escuta mútua. Esse movimento permite que diferentes perspectivas se encontrem, promovendo um ambiente em que a diversidade de experiências enriquece o aprendizado coletivo. Para que esse processo se efetive, é fundamental que as escolas criem tempos e espaços específicos voltados à participação dos estudantes, assegurando que tenham oportunidades reais de se envolver em processos decisórios que dizem respeito à vida escolar (Valente; Gama, 2023, p. 5). Com isso, o diálogo deixa de ser apenas retórico e transforma-se em instrumento pedagógico capaz de ressignificar as relações dentro da sala de aula.

Nessa perspectiva, convém destacar que a participação dos alunos se organiza em diferentes níveis de envolvimento.

Os caminhos de participação [...] é composto por cinco níveis de participação, a saber: as crianças são ouvidas; as crianças são apoiadas, no sentido de expressarem as suas opiniões; as opiniões das crianças são levadas em consideração; as crianças são envolvidas no processo de tomada de decisão; e as crianças partilham poder e responsabilidade na tomada de decisão (Valente; Gama, 2023, p. 4).

Esses níveis revelam que a participação não pode ser reduzida à escuta, mas deve avançar para a efetiva partilha de responsabilidades, de modo que os estudantes sejam reconhecidos como agentes ativos no planejamento, execução e avaliação das práticas escolares. Isso implica compreender que a escola, ao abrir espaço para essa corresponsabilidade, forma sujeitos capazes de intervir criticamente na realidade, desenvolvendo competências de colaboração, negociação e tomada de decisão. Ao assumir papéis concretos nos processos pedagógicos, os alunos deixam de ser meros receptores de conhecimento e passam a exercer protagonismo, contribuindo para práticas mais inclusivas, transparentes e coerentes com os princípios de uma educação democrática.

Desse modo, compreende-se que a centralidade do diálogo na educação está relacionada à possibilidade de construção de um ambiente em que cada sujeito se reconhece como parte legítima do processo formativo. Entretanto, para que isso aconteça, é necessário superar a lógica da participação meramente simbólica. O estudante precisa ter espaço não apenas para identificar problemas ou necessidades, mas também para propor soluções e contribuir com a elaboração de estratégias de melhoria (Valente; Gama, 2023). Assim, o envolvimento passa a ser qualificado e se estende para além da consulta pontual, transformando-se em prática contínua que fortalece o compromisso coletivo com a aprendizagem.

Outro aspecto relevante é que, ao fortalecer o diálogo constante, a escola passa a compreender que a elaboração de planos pedagógicos não deve ser realizada para os alunos, mas com eles. Tal postura implica reconhecê-los como parceiros, capazes de assumir responsabilidades e de intervir de forma crítica na organização da vida escolar (Valente; Gama, 2023). Essa mudança de perspectiva aproxima a prática pedagógica de uma visão democrática da educação, em que a voz do estudante é considerada elemento constitutivo da tomada de decisões.

Portanto, o diálogo constante não se limita a um recurso metodológico, mas constitui base para a formação cidadã, uma vez que prepara os alunos para compreenderem, debaterem e assumirem posições diante da realidade. Ele favorece o surgimento de uma cultura escolar que valoriza a corresponsabilidade, o respeito mútuo e a cooperação, tornando o processo educativo mais inclusivo e significativo. Em síntese, ao articular diálogo e empatia, a escola constrói um espaço em que as diferenças são respeitadas, os sujeitos são reconhecidos em sua singularidade e o conhecimento é produzido de forma partilhada, reforçando a dimensão transformadora da educação.

Clima afetivo e acolhedor como espaço de aprendizagem

A construção de um clima afetivo e acolhedor em sala de aula representa uma dimensão essencial para que a educação seja vivenciada como experiência significativa. Nesse contexto, o professor atua como mediador de relações em que o cuidado, a sensibilidade e o respeito formam a base para o desenvolvimento integral do estudante. Um dos aspectos centrais dessa prática diz respeito à forma como os erros são compreendidos no processo de aprendizagem. Ao contrário de serem vistos como falhas que desqualificam o aluno, os erros podem ser entendidos como oportunidades de reflexão e crescimento, inseridos em um ambiente seguro que favoreça a expressão e a experimentação.

Além disso, ao se considerar o erro sob uma perspectiva positiva, torna-se possível compreender que “[...] o erro é algo que não deve ser combatido e eliminado, devendo, pelo contrário, ser aproveitado para a compreensão dos aspectos que devem ser corrigidos.” (Cossa, 2021, p. 16). Essa abordagem rompe com a visão tradicional punitiva e abre caminho para práticas pedagógicas que encorajam o aluno a se arriscar e a construir novos saberes sem o medo constante de fracassar. Dessa maneira, o acolhimento das tentativas dos estudantes estimula a criatividade, fortalece a autonomia e contribui para que o processo educativo seja mais humanizado.

Nesse sentido, torna-se importante conduzir as ações pedagógicas de forma a normalizar o erro, compreendendo-o como parte indispensável da aprendizagem. Quando o professor o encara como oportunidade de reorganizar sua prática e o aluno o reconhece como parte natural de seu percurso formativo, ambos transformam esse momento em recurso para o avanço do conhecimento (Cossa, 2021). Essa perspectiva reforça que a abordagem diante do erro não deve intimidar o estudante nem reduzir-se a uma simples correção. Pelo contrário, é fundamental permitir que o discente reflita sobre suas próprias falhas, pois corrigir mecanicamente não gera consciência crítica, enquanto refletir sobre o erro potencializa o desenvolvimento intelectual (Cossa, 2021).

Do mesmo modo, cabe ao professor adotar estratégias que demonstrem sensibilidade diante das dificuldades dos alunos, compreendendo que o erro não deve ser motivo de constrangimento. Nesse sentido,

[...] infere-se que, enquanto educadores, precisamos transcender a visão do erro como insucesso do aprendizado para que o mesmo, possa ser considerado como uma oportunidade para reorientação do trabalho, um trampolim em busca de um melhor caminho, tornando-se assim, uma fonte de crescimento tanto para professores como para estudantes (Matias; Costa-Vasconcelos, 2022, p. 6).

Assim, o erro deixa de ser visto como obstáculo e passa a ser compreendido como ponto de partida para novas aprendizagens, funcionando como guia tanto para o professor quanto para o aluno (Cossa, 2021). Ao assumir essa função orientadora, o erro transforma-se em recurso pedagógico que direciona ajustes metodológicos, indicando ao docente quais aspectos precisam ser retomados ou aprofundados. Para o estudante, torna-se oportunidade de desenvolver autonomia reflexiva, já que é convidado a analisar suas próprias escolhas e a compreender de que forma pode superá-las. Dessa maneira, o erro assume caráter formativo e construtivo, aproximando-se mais de uma bússola que orienta o percurso educativo do que de uma barreira que interrompe o processo.

Em continuidade, a criação de um ambiente afetivo implica, ainda, na adoção de atitudes que substituam práticas punitivas por ações educativas orientadas pelo diálogo. Nesse sentido, é fundamental lembrar que “assim, é essencial lidar com erros de forma sensível e evitar punições gratuitas, verbais ou não e estar aberto para erros e usá-los ativamente” (Cossa, 2021, p. 23). Tal perspectiva fortalece o sentimento de pertencimento dos alunos e amplia sua disposição para o engajamento escolar, já que encontram espaço para se expressarem sem receio de julgamentos ou repreensões desproporcionais.

Por conseguinte, a avaliação também deve ser ressignificada para se alinhar a esse clima acolhedor. Mais do que verificar acertos e falhas, ela precisa ser concebida como ato amoroso, capaz de acolher as produções dos estudantes sem julgamentos ou classificações excludentes (Matias; Costa-Vasconcelos, 2022). Nessa direção, entende-se que ao transformar o erro em parte constitutiva da avaliação, é possível superar a concepção tradicional de escola punitiva e avançar rumo a uma prática democrática e inclusiva, em que cada experiência de aprendizagem seja respeitada como válida e significativa (Matias; Costa-Vasconcelos, 2022).

Portanto, compreender o erro como parte constitutiva do processo de aprender é condição indispensável para o fortalecimento de um clima escolar acolhedor. “O erro não é um corpo estranho, uma falha na aprendizagem. Ele é essencial, é parte do processo. Ninguém aprende sem errar.” (Matias; Costa-Vasconcelos, 2022, p. 6). Ao assumir essa compreensão, professores e estudantes transformam falhas em oportunidades de crescimento e ressignificação, fortalecendo o vínculo pedagógico. Desse modo, o processo educativo torna-se mais humano, dialógico e democrático, reafirmando a centralidade da empatia e do afeto na prática docente.

Valorização das diferenças como fundamento da educação empática

A valorização das diferenças constitui princípio essencial para a construção de práticas pedagógicas que se orientem pela empatia e pelo respeito à diversidade. Em um cenário em

que a escola acolhe sujeitos com distintas histórias de vida, origens culturais, condições sociais e modos de aprender, torna-se imprescindível que o ensino se organize a partir da pluralidade. Isso significa romper com concepções homogêneas de aprendizagem e compreender que cada estudante traz consigo experiências singulares que, quando respeitadas, enriquecem o processo educativo e ampliam o sentido de pertencimento.

Além disso, reconhecer a diversidade como elemento constitutivo do espaço escolar implica adaptar metodologias e estratégias às realidades concretas dos estudantes, evitando comparações que geram exclusão ou marginalização. Nesse sentido, ganha relevância a ideia de que práticas pedagógicas comprometidas com a equidade devem estar em sintonia com a realidade concreta da turma, contemplando os diferentes ritmos de aprendizagem e respeitando a singularidade dos percursos formativos. Assim, é possível afirmar que as práticas docentes, ao responderem às necessidades diversificadas dos alunos, garantem acesso efetivo ao currículo, reforçando sua dimensão inclusiva (Oliveira; Delou, 2023).

Por conseguinte, ao pensar a escola como espaço de diversidade, o currículo não pode ser concebido como estrutura rígida e uniforme, mas como proposta aberta e flexível. É nesse horizonte que se insere a concepção de diferenciação curricular, entendida como prática que busca compatibilizar acessibilidade e qualidade pedagógica. Dessa forma, o ensino diferenciado é reconhecido como estratégia que, no ato de planejar o currículo regular, considera as diferenças dos estudantes e suas realidades, promovendo maior inclusão e justiça social (Oliveira; Delou, 2023). Logo, a valorização das diferenças não se restringe ao discurso, mas se materializa nas escolhas pedagógicas que orientam a ação docente.

Outro aspecto fundamental é que, ao promover um ensino que respeite e acolha as diferenças, a escola favorece a construção de uma cultura de empatia e colaboração. Nesse processo, os estudantes aprendem a conviver com perspectivas distintas das suas, a respeitar opiniões divergentes e a reconhecer a riqueza que reside na pluralidade. Esse movimento fortalece a noção de cidadania, pois prepara os sujeitos para atuarem em uma sociedade diversa e complexa, em que o diálogo e a cooperação se tornam indispensáveis.

Portanto, a valorização das diferenças, ao ser incorporada ao cotidiano escolar, reafirma a centralidade da empatia como elemento transformador da educação. Ao reconhecer e respeitar as singularidades de cada aluno, o professor não apenas amplia o acesso ao conhecimento, mas também promove práticas que contribuem para uma escola inclusiva, democrática e comprometida com a formação integral dos sujeitos.

Resultados e discussões

Os resultados evidenciam que a empatia, quando incorporada às práticas pedagógicas, configura-se como elemento estruturante da aprendizagem, pois contribui para a criação de vínculos, para o fortalecimento da confiança e para a valorização das experiências dos estudantes. Verificou-se que práticas como a escuta atenta e respeitosa, o diálogo constante, a construção

de um clima afetivo e acolhedor e a valorização das diferenças ampliam a qualidade da vivência escolar. Ao permitir que os estudantes se sintam reconhecidos em sua singularidade, tais práticas transformam o ambiente escolar em espaço de participação, crescimento e pertencimento.

O significado dessas descobertas está diretamente relacionado ao papel da empatia como força transformadora do processo educativo. Ao se compreender que ouvir os alunos, valorizar suas opiniões, respeitar seus erros e reconhecer suas diferenças não são apenas estratégias didáticas, mas princípios éticos, reforça-se a ideia de que a educação ultrapassa a mera transmissão de conteúdos. Trata-se de um processo que busca formar sujeitos críticos, confiantes e preparados para conviver em sociedade de maneira solidária. Dessa forma, evidencia-se que a empatia, articulada à prática pedagógica, não apenas promove o aprendizado, mas também contribui para a formação cidadã.

No que se refere à relação com outros estudos, observa-se consonância entre diferentes perspectivas analisadas. Há autores que defendem a necessidade de compreender o erro como parte do processo formativo e não como falha, atribuindo-lhe caráter de orientação e reorganização das práticas de ensino (Cossa, 2021; Matias; Costa-Vasconcelos, 2022). Outros destacam que a escuta e o diálogo devem ser compreendidos como práticas de liberdade e corresponsabilidade, legitimando a voz dos alunos como parte constitutiva da aprendizagem (Milani, 2017; Monteiro; Quixadá, 2023; Valente; Gama, 2023). Também se identificam trabalhos que ressaltam a importância da valorização das diferenças e da adaptação metodológica, a fim de promover acessibilidade e equidade na aprendizagem (Oliveira; Delou, 2023). A convergência entre essas contribuições reforça o caráter democrático e inclusivo da empatia aplicada à educação.

Contudo, é importante reconhecer as limitações da pesquisa bibliográfica que sustenta este estudo. O levantamento teórico permite identificar tendências, perspectivas e práticas relatadas por diferentes autores, mas não alcança a observação direta da realidade escolar. Por essa razão, embora os resultados indiquem caminhos promissores, a efetividade das práticas de empatia na educação depende de análises mais específicas de contextos locais, de diferentes níveis de ensino e de condições socioculturais diversas.

Outro ponto que merece destaque refere-se à presença de resultados inesperados na literatura, sobretudo no que tange à resistência de alguns professores diante da incorporação de práticas empáticas. Há registros de que, mesmo quando os docentes afirmam reconhecer a importância da escuta ou da valorização do erro, suas ações ainda refletem modelos tradicionais que corrigem de forma punitiva ou inibem a participação dos alunos. Esse dado sugere que a mudança de paradigma não ocorre de forma imediata, mas exige processos formativos contínuos e reflexões críticas sobre a prática pedagógica.

Por fim, sugere-se que novas pesquisas aprofundem a análise sobre como a empatia pode ser efetivamente implementada em diferentes contextos escolares, considerando variáveis como recursos disponíveis, formação docente e participação da comunidade escolar. Estudos empíricos que observem a aplicação de metodologias diferenciadas, a construção de espaços de diálogo e a

ressignificação das práticas avaliativas poderiam contribuir para confirmar e ampliar os achados desta investigação bibliográfica. Além disso, pesquisas futuras poderiam explorar como a empatia impacta não apenas os resultados acadêmicos, mas também o desenvolvimento socioemocional dos estudantes, fortalecendo sua autonomia e sua capacidade de convivência em uma sociedade plural.

Conclusão

O presente estudo alcançou seus objetivos ao discutir a empatia como elemento transformador das práticas educativas, evidenciando que sua incorporação no cotidiano escolar fortalece vínculos, amplia a confiança e promove uma educação voltada para a formação integral dos sujeitos. A análise bibliográfica permitiu compreender que a escuta atenta e respeitosa, o diálogo constante, o clima afetivo e acolhedor e a valorização das diferenças constituem dimensões complementares de um ensino comprometido com a inclusão e com a democracia. Tais práticas, quando efetivamente aplicadas, contribuem para ressignificar a escola como espaço de pertencimento, participação e reconhecimento da singularidade dos estudantes, superando concepções tradicionais baseadas na homogeneização e na punição. Assim, evidencia-se que a empatia, ao ser integrada às metodologias pedagógicas, não apenas fortalece a aprendizagem, mas também contribui para o desenvolvimento de competências socioemocionais indispensáveis à convivência em uma sociedade plural.

Apesar da relevância dos achados, reconhece-se que o estudo possui limitações próprias de uma pesquisa bibliográfica, na medida em que não contempla a observação empírica da prática docente em diferentes realidades escolares. Ainda assim, os resultados permitem afirmar que a empatia, ao transformar a forma de escutar, dialogar, lidar com erros e respeitar diferenças, assume papel estratégico para a construção de uma escola mais humana, inclusiva e democrática. Diante disso, estimula-se que mais pesquisas sejam realizadas sobre esse tema, principalmente em contextos empíricos que analisem a aplicação concreta dessas práticas em diferentes etapas da educação básica e superior. Investigações futuras poderão aprofundar o entendimento sobre os impactos da empatia não apenas no desempenho acadêmico, mas também no fortalecimento da autonomia, da criticidade e da capacidade de convivência solidária dos estudantes, assegurando avanços significativos no campo educacional.

Referências

COSSA, José de Inocência Narciso. Importância do erro no processo de Ensino e Aprendizagem em sala de aula. Njinga & Sepé: **Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**, v. 1, n. 2, p. 16-36, 2021.

MILANI, Raquel. “Sim, Eu Ouvi o que Eles Disseram”: o Diálogo como Movimento de Ir até Onde o Outro Está. **Bolema**, v. 31, n. 57, p. 35-52, 2017.

MONTEIRO, Camila Maria Ferreira dos Santos; QUIXADÁ, Luciana Martins. Reflexões

sobre a empatia e a escuta ativa no contexto escolar. **Rev. Pemo**, v. 5, e11420, 2023.

OLIVEIRA, Wanessa Moreira de; DELOU, Cristina Maria Carvalho. Práticas curriculares no âmbito da educação inclusiva: acessibilidade curricular, adaptação curricular e terminalidade específica. **Revista Educação Especial**, v. 36, e71896, p. 1-24, 2023.

SANTANA, A. N. V. de; NARCISO, R.; SANTANA, A. C. de A. Transformações imperativas nas metodologias científicas: impactos no campo educacional e na formação de pesquisadores. **Caderno Pedagógico**, v. 22, n. 1, e13702, 2025.

SANTANA, A. C. de A.; NARCISO, R. Pilares da pesquisa educacional: autores e metodologias científicas em destaque. **ARACÊ**, v. 7, n. 1, p. 1577-1590, 2025.

VALENTE, Bianor; GAMA, Ana. A Voz dos/as Alunos/as de um Agrupamento de Escolas do Programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária. **Educação & Realidade**, v. 48, e124563, p. 1-17, 2023.